

## **Narcole, realização de Alfred Abel**

É possivelmente irregular, com muitos defeitos, com concessões ao gosto do público.

Mas é apesar de tudo, belo. Há filmes assim: indecisos, entre bons e maus, mas com uma força que apesar de tudo nos arrebatava e subjuga. Esse tema da mulher eternamente desconhecida pelo homem que ama, que três vezes a encontra e três vezes a esquece, talvez fôsse susceptível de um aproveitamento mais perfeito, mas mesmo como é nos pareceu admirável. Há bastante artificialidade e banalidade no processo usado para nos mostrar o passado; mas tirando isto, não vemos um verdadeiro grande defeito. É pena que Jack Trevor não esteja à altura de Renée Heribel e de Alfred Abel; não tem mobilidade de expressão, é parado, frio; chega mesmo a tornar-se desagradável. Renée Heribel admirável, mostrando uma profunda consciência do que tinha de trágico a personagem que interpretava.

A fotografia é muito boa, e poucas

vezes vimos um ritmo tão equilibrado, e as imagens fundindo-se umas nas outras com tanta perfeição.

Parece-nos que o filme não deve pouco ao argumento: foi extraído duma novela de Stefan Zweig — e notemos que poucas vezes se adaptam obras de *verdadeiros* escritores: quanto haveria a fazer, no sentido duma *purificação* dos argumentos.